

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
DOUBLE BILL  
24 de Junho de 2023

# THE WARRIORS / 1979

*(Os Selvagens da Noite)*

um filme de **Walter Hill**

**Realização:** Walter Hill / **Argumento:** Sol Yurick, David Shaber, Walter Hill, a partir do romance homónimo de Yurick / **Fotografia:** Andrew Laszlo / **Música:** Barry De Vorzon / **Direcção Artística:** Robert Wightman, Don Swanagan / **Efeitos Especiais:** Edward Drohan / **Montagem:** David Holden / **Interpretação:** Michael Beck (Swan), James Remar (Ajax), Dorsey Wright (Cleon), Brian Tyler (Snow), David Harris (Cochise), Tom McKitterick (Cowboy), Marcelino Sánchez (Rembrandt), Terry Michos (Vermin), Deborah Van Valkenburgh (Mercy), Roger Hill (Cyrus).

**Produção:** Paramount / **Produtores:** Laurent Bouzereau, Freeman A. Davies, Lawrence Gordon, Walter Hill / **Cópia:** dcp, cor, legendado eletronicamente em português, 93 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, 9 de Fevereiro de 1979 / **Estreia em Portugal:** Eden/Pathé, 15 de Novembro de 1979.

---

**The Warriors** é apresentado em “double bill” com **Escape from New York**, de John Carpenter (“folha” distribuída em separado).

A projeção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

---

O declínio criativo de Walter Hill a partir de meados da década de 80 não nos deve fazer esquecer o seu entusiasmante trio de filmes iniciais: *Hard Times* (1975), *The Driver* (1978) e *The Warriors* (1979). Hill comparou estes filmes ao haiku japonês: poesia sucinta, contida, fulgurante. Vindo do argumentismo, Hill dominava os códigos narrativos ao ponto de fazer da narração uma disciplina abstracta, com personagens representativas, às vezes sem nome próprio, enleadas na coreografia dos seus medos e desejos. São filmes urbanos estilizados, com a frescura da série B mas com alguns (não muitos) meios financeiros. O mais importante dos três é *The Driver*, mas *The Warriors* foi o que alcançou uma dimensão de culto, aliás conquistada ao longo dos anos e não logo à data da estreia.

*The Warriors* adapta o romance homónimo de Sol Yurick, publicado em 1965, um retrato cru dos gangs citadinos. A abertura de *The Warriors* é memorável: nove delegados de cem gangs diferentes, todos vestidos de igual dentro do seu grupo, afluindo em direcção ao Bronx, onde se prepara uma espécie de «assembleia geral». Há um líder carismático, chamado Cyrus, espécie de Luther King cadastrado, que congrega representantes das

várias tribos para fazer uma proposta simples mas ambiciosa: há em Nova Iorque sessenta mil membros de gangs para apenas vinte mil polícias; é por isso mais que tempo de juntar esforços e conquistar «o território» às autoridades. Nada parece unir aqueles bandos de rapazes, estereótipos étnicos ou tribos urbanas que têm nomes como The Baseball Furies, The Hi-Hats, The Hurricanes, The Orphans, The Rogues, The Saracens, The Punks. Mas a verdade é que aceitam a trégua proposta por Cyrus e decidem de comum acordo unir esforços e pôr a cidade a ferro e fogo. Acontece que Cyrus, qual Luther King, é assassinado por um fanático. E o caos instala-se.

Tal como em muitos filmes da década de 1970 (os de Scorsese, por exemplo), *The Warriors* filma Nova Iorque como uma *wasteland* de viadutos, ruas desertas, casas decrepitas, bairros perigosos. O motivo constante do filme é o metropolitano, meio através do qual os gangs afluem ao Bronx, em notável coreografia de massas, e meio que depois usam nas suas constantes deambulações, *station to station*, fugindo e provocando desacatos com os outros gangs ou com a polícia. O romance de Yurick refere-se explicitamente a *Anábase*, de Xenofonte, a odisseia dos dez mil mercenários gregos em fuga em direcção ao Mar Negro, e Hill queria manter essa referência; mas os produtores decidiram não intelectualizar a fita, pelo que as dimensões simbólicas ficaram reduzidas ao osso. É perceptível que *The Warriors* não é exactamente sobre o «mundo do crime»: os gangs são simplesmente jovens delinquentes, individualistas grupais, machos com uma filosofia de vida muito básica. No meio da violência, um deles confessa: «*I'm having a good time*». Eles querem viver a vida intensamente, e a acção está toda concentrada numa noite, com uma coda na manhã seguinte, para que não haja a mínima dispersão e para que se consiga a máxima intensidade.

O gang que seguimos mais de perto chama-se The Warriors, grupo multiracial de Coney Island. Suspeitos da morte de Cyrus, ele são perseguidos pelos outros gangs, acossados pelas emissões radiofónicas que apelam à vingança. Hill recorre a um estilo directo, populista, que tem semelhanças com os filmes directos e populistas que John Carpenter fazia na altura, com uma densidade narrativa que parece fácil de tão bem gizada. A possível dimensão «sociológica» nunca se intromete no enredo minimal, e de facto (para citar outro cineasta muito activo na época), *The Warriors* tem alguma da poesia das histórias juvenis de Coppola. Aqueles rapazes são heróis românticos que se exprimem através de uma poesia tosca, agressiva, competitiva. Mas nunca os vemos como vilões. Os Warriors, sobretudo, parecem mais vítimas do que meliantes, eles que são perseguidos por um crime que não cometeram e que têm «*a hard time getting home*». E lembramos outra fábula de Nova Iorque fora de horas, *After Hours* de Scorsese, com um homem que entra num mundo estranho e que só quer regressar a casa.

A prova de que a violência urbana é um desvio de tendências poéticas inorgânicas é o final do filme, no meio das rodas gigantes e da desolação balnear de Coney Island. Tal como *Anábase*, estes guerreiros só querem ver o mar, o mar da sua terra, e embora muitos deles alimentem sonhos frustrados de glória e de fuga, no fim parecem uns miúdos na praia, consolados uns pelos outros e sem quererem mal a ninguém.

Pedro Mexia